

■ DORA KRAMER

# Covas vê ACM como "censor"

Pelo time do PFL, o senador Antônio Carlos Magalhães pôs a bola para rolar ao dizer que o ministro José Serra conspira contra a equipe econômica e atrapalha o presidente Fernando Henrique Cardoso. Defendendo as cores do PSDB, o governador Mário Covas ontem entrou em campo para jogar e rebateu: "O senador está se comportando como censor das ações de um ministro cuja avaliação de desempenho é prerrogativa exclusiva do presidente da República. Ao fazer esse julgamento que está fora de sua área de ação, Antônio Carlos Magalhães não está criticando Serra nem o PSDB, mas o próprio presidente Fernando Henrique."

E, sendo assim, Covas considera que se alguém está atrapalhando, criando dificuldades ao governo, não é Serra e sim ACM. Para ele, o presidente do Senado extrapola os limites de sua atuação não apenas como aliado, mas principalmente como presidente de um poder. "O presidente trata todos os partidos aliados com absoluta igualdade. Nunca se viu o PSDB abrir a boca para criticar qualquer ministro do PFL. Portanto, o senador não está agindo dentro dos limites da lealdade da aliança e se avorando à condição de tutor do governo. Se o presidente acreditasse que o Serra atrapalha já teria tomado uma providência."

De tudo o que o presidente do Senado disse na longa entrevista que deu ao jornal *Folha de S.Paulo* na terça-feira, Covas ficou surpreso mesmo foi com o fato de Antônio Carlos ter revelado que o senador Gilberto Miranda e Paulo Maluf tinham mostrado a ele os documentos falsificados do chamado dossiê Cayman. "Isso tornou contraditória a declaração do senador de que Serra é um santo mas que, nesses episódios, os pecadores estavam do lado do ministro. Que eu saiba, Miranda e Maluf são do lado do senador, tanto que o procuraram."

E, com isso, estejam avisados todos os navegantes que, daqui para a frente, Mário Covas não deixará passar em branco qualquer tentativa de desmoralização sobre integrantes de seu partido. "Posso até não falar em nome do partido, embora acredite que vocalizo o pensamento da maioria. Mas, como governador de São Paulo e militante do PSDB, posso assegurar que nada mais ficará sem resposta."

O governador não tem muita dúvida de que no fundo da briga está uma disputa de concepções de governo, de visões estratégicas entre sociais-democratas que defendem o desenvolvimento da economia real para fugir ao desemprego e à recessão e os liberais que consideram a estabilidade monetária e o jogo financeiro de mercado prioridade absoluta. E como Serra é a voz mais potente dentro do governo em defesa da linha social-democrata, Covas acha que isso o faz alvo preferencial da outra corrente.

Mas considera que o PFL faz, com isso, uma avaliação errada. "Não vejo razão para que a estabilidade monetária e o desenvolvimento não possam conviver em pé de igualdade. Quando defendo o Ministério da Produção não estou, ao mesmo tempo, defendendo o enfraquecimento da área econômica."

Covas lembra que durante os primeiros quatro anos de governo seu partido – "ao qual pertence o presidente", repete sistematicamente e propositadamente –, o PSDB, agüentou calado todos os espalhafatos e provocações dos parceiros de aliança. Admite que poderia agüentar até mais se ACM não tivesse tomado a iniciativa do ataque. "Estou apenas reagindo a uma ação inopportunamente e falsa do senador."

De forma alguma o governador de São Paulo defende a troca de parceiros agora. "Ninguém do PSDB abraça essa tese. A aliança é importante, mas é preciso que haja respeito entre seus integrantes. Ninguém, nem Antônio Carlos Magalhães nem eu, pode se dar ao direito de censurar os atos dos outros, muito menos de estar dizendo ao presidente da República o que ele deve fazer. ACM não está exercendo adequadamente suas funções de senador e presidente do Congresso. Acho que nem o PFL aceitará ser tutelado por ele."

O que não significa dizer que Covas acredite que Fernando Henrique deva manter os partidos da base aliada como interlocutores exclusivos do governo. "É preciso ampliar o diálogo para todos os setores e partidos, mas isso não se faz de um dia para o outro. É preciso dar passos e fazer gestos." Quais seriam eles, para Covas é uma decisão de competência exclusiva do presidente.

De qualquer forma, considerou significativas as palavras de ACM na entrevista da *Folha*, dizendo que PSDB e PFL deverão mesmo se afastar e que os dois só têm a uni-los a figura de Fernando Henrique. "Se o senador acha que o compromisso do PFL é só com o presidente, eu digo que o compromisso do PSDB também é apenas com Fernando Henrique, mas exijo respeito."

Que não se animem os precipitados, porque Mário Covas evita provocações do gênero "o senhor está dizendo que o ACM é um adversário?"

"Não me encoste na parede, não me chame para a guerra", diz com indisfarçável vontade de guerrear. "Digamos que o senador é apenas um aliado temporário." Qual a extensão deste tempo o governador ainda não sabe precisar. Rejeita discussões a respeito de sua candidatura à Presidência da República – "se começarem com isso, eu nego desde já" – e assegura que sobre a sucessão presidencial tem uma única certeza: "Estarei aonde Fernando Henrique estiver."

Como se vê, Covas assumiu de vez seu papel de contraponto no tabuleiro do poder e Fernando Henrique, que optou por uma resposta meramente diplomática à entrevista de Antônio Carlos, encontrou um anteparo às investidas do senador.

**"O senador Antônio Carlos não é um adversário, mas um aliado apenas temporário."**

(Mário Covas)